



## **CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ DO DESERTO: UM ESTUDO DOS FUNDAMENTOS SOCIORRELIGIOSOS**

Célia Camelo de Sousa\*

O presente artigo tem como objetivo estudar os meios pelos quais comunidade Caldeirão utilizou para a reprodução e transmissão das futuras gerações do lugar, os resultados de suas experiências e de sua visão de mundo. O Caldeirão foi uma comunidade, existente na cidade do Crato (CE), entre as décadas de 1920 e 1930. Comunidade esta permaneceu dez anos com princípios sociorreligiosos, mas pela cobiça dos influentes desse lugar, fez com que destruíssem a vida harmônica da daquela comunidade. O Caldeirão teve como líder o paraibano José Lourenço, um negro, analfabeto e que possuía uma consciência sobre o mundo, passando a construir um “oásis” em meio a caatinga e uma nova visão de mundo.

Para fundamentar este estudo, utilizamos como metodologia uma pesquisa bibliográfica e empírica. Podemos destacar que se utiliza de uma abordagem qualitativa, em que devemos enfatizar o processo da pesquisa, o seu significado e ter como relevância os sujeitos envolvidos no estudo. Quanto à pesquisa bibliográfica, é utilizada em qualquer área, seja para o levantamento da questão, seja pela fundamentação teórica ou ainda para justificar os limites e contribuições da pesquisa. No âmbito da investigação empírica, percorremos os lugares em que há setenta anos viveu Padre Cícero, o beato José Lourenço e outros tantos protagonistas de uma história, encantada pela fé e que foram destruídos pela ganância.

Dentre os autores que fundamentam esta pesquisa, destacam-se: Brandão (2007), Ramos (1991), Sousa (2009) e Maia (1992), os quais nos possibilitaram uma maior aproximação com o tema estudado, estabelecendo uma relação com a cultura da comunidade Caldeirão. Destacamos para o desenvolvimento deste artigo três momentos: no primeiro enfatizaremos o contexto histórico; o segundo a formação da comunidade Caldeirão, através de seus princípios sociorreligiosos. O segundo momento abordaremos as práticas educativas, através do trabalho, da religião e da escolarização. Salienta-se que esta forma de desenvolvimento do artigo permitiu integração com o assunto, pois por intermédio deste procedimento tivemos a oportunidade de explicitar um olhar para a cultura do lugar. Assim, partimos da seguinte indagação: Quais os princípios sociorreligiosos que permeou a comunidade Caldeirão?

---

\* Mestranda em Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: celitapedagoga@hotmail.com

Podemos constatar que o Caldeirão foi uma grande experiência de conhecimento, em que o trabalho e a religião eram questões que se destacavam. A religiosidade do Caldeirão procurava seguir os princípios de solidariedade, fraternidade, igualdade, união, esperança e fé. Estes princípios eram a base para todas as atividades: a partir da prática da solidariedade sabiam que era uma forma de ajudar o próximo e a Deus.

### **Contexto sócio-histórico**

Entre os séculos XIX e XX eclodem o Cançago<sup>1</sup> e os movimentos sociais messiânicos / religiosos no nordeste brasileiro. Ambos vinculados as questões sociais e fundiárias, esses movimentos surgiram devido a exclusão e opressão os nordestinos passavam, ainda, surgem mediante as graves crises existentes na sociedade.

O sertão do nordeste brasileiro serviu de inspiração para a construção de importantes obras literárias que, sob a perspectiva do seu escritor narrava a paisagem natural e social dos sertões. Domingos Olympio (1999, p.95), no romance Luzia Homem, publicado pela primeira vez em 1903, em uma das passagens do livro assim se reportava a seca e a população sertaneja do Ceará no ano de 1877:<sup>2</sup>

Era O mesmo vaivém ininterrupto de homens, mulheres e crianças envoltos em rolos de pó sutil, magros e andrajosos, insensíveis á fadiga, ao calor de fulminar passarinhos, taciturnos uns, os semblantes deformados por traços denunciadores de íntima revolta impotente; outros resignados, como heróis, vencidos pela fatalidade; muitos alegres e sorridentes, cantavam e brincavam, como criaturas felizes de encontrarem refúgio do assédio angustioso da fome, da miséria, da morte.

A historiografia crítica do nordeste reforça a percepção do escritor sobre a paisagem dos sertões nordestinos naquele contexto, acrescentando as contradições sociais e econômicas da região que potencializaram os conflitos sociais, como por exemplo, a concentração de terras nas mãos das oligarquias locais que se aproveitavam inclusive da seca e da miséria para oprimir e explorar. Na formulação de Furtado (1989, p. 22),

A Sociedade formou-se no âmbito das fazendas, onde poder econômico e poder político eram duas faces da mesma moeda e onde os aglomerados urbanos nada mais eram que prolongamentos das fazendas. Esse quadro de isolamento reforçava a situação de dependência do trabalhador rural em face do senhor de terra.

A concentração de terras e o fenômeno das secas reforçam a descrença dos “deserdados” da terra de qualquer saída que não fosse de natureza mística religiosa. A fé torna-se a força que mantinha em “pé” os caboclos sertanejos e o elemento que propiciou o

seu agrupamento em torno de promessas propagadas por homens como Antônio Conselheiro (Canudos), José Lourenço (Caldeirão), Senhorinho (Pau de Colher) e Roldão (Borboletas Azuis), líderes carismáticos que reanimavam a religiosidade de um povo esquecido pela realidade mundana.

O beato José Lourenço, líder da Comunidade Caldeirão passou a ser associado, pelas oligarquias e pelo poder local ao movimento comunista,<sup>3</sup> devido o contexto que estava inserido, pois no ano de 1924, ganha força o movimento tenentista, realizando levantes organizados contra as oligarquias e tendo como principal líder Luís Carlos Prestes. No final de 1925, a Coluna Prestes estava formada e partia para a região nordeste (Maranhão, Piauí e Ceará). Nesse percurso o movimento, liderado por Prestes buscava mobilizar os setores sociais locais marginalizados contra a hegemonia das oligarquias. Era o pretexto que precisava o poder local, a oligarquia local e o poder eclesiástico para fortalecer o apoio da sociedade contra a Comunidade do Caldeirão, que nessa contextualidade, não dispunha mais das mediações do Padre Cícero.

Com isso, a comunidade não possuía mais a força de proteção de seu dono, pois Padre Cícero havia falecido. Então, foi o momento da luta, perdendo seus sonhos, pois os poderosos da época interviu e mandou retirar todos os moradores, resultando em uma luta, que deixou muito derramamento de sangue e por muito tempo esqueceram essa história.

### **Formação da comunidade Caldeirão de Santa Cruz do Deserto**

O Caldeirão era um sítio, situado a 20 km da cidade de Crato, pertencente a mesma. O nome refere-se a sua estrutura física, destacada por um lugar depressivo e com existência de caldeirões d'água. Ainda, havia morrido no lugar dois jesuítas e por razão o nome Santa Cruz, quanto o nome Deserto, deve-se ao fato da ausência de pessoas, lembrando um deserto.

No entanto, o líder José Lourenço era, um negro, alto, forte, nordestino (paraibano) e analfabeto. Esse homem chega a cidade de Juazeiro a procura de seus pais e logo conhece Padre Cícero, que de imediato inicia uma forte amizade com o vigário. No entanto, se inseri na ordem dos penitentes, religião esta bastante antiga e praticada pelos jesuítas, em que usavam a autoflagelação, pedindo perdão aos seus pecados. Em seguida, arrenda umas terras no sítio chamado Baixa D'anta e passa trinta anos morando lá com sua gente, até que o dono vende e os moradores são obrigados a saírem. Então o líder, que passa a ser beato pede ajuda a Padre Cícero e logo o vigário empresta suas terras no Caldeirão para a comunidade.

Segundo Barros (1937) a maioria dos moradores da comunidade Caldeirão eram provenientes do Rio Grande do Norte (75%), outros, (20%) da Paraíba, Pernambuco, Alagoas,



Maranhão e Piauí, no entanto, a minoria era do Ceará (5%). As diversas pessoas de origem nordestina tornavam o Caldeirão com algumas características singular, como a religiosidade do sertanejo que permeava toda a região nordestina.

Ramos (1991) destaca que a religiosidade tinha a finalidade de resistir aos sofrimentos, como também, uma forma de ver, construir e (re)criar o mundo. Essa idéia era comum no nordeste, pois a religiosidade fazia com que os sertanejos possuíssem o interesse por uma vida temente a Deus, isso demonstra que a religião é presente na vida do sertanejo. Além disso, podemos constata que na comunidade Caldeirão se destacava não só por pessoas pobres, mas também por indivíduos que tinham uma boa condição financeira, ou seja, possuíam terras ou provenientes de famílias abastadas.

A organização de moradia do lugar segundo Maria José Sales, filha da remanescente Maria de Lourdes Sales, comentou em entrevista consentida na cidade de Juazeiro do Norte, afirmando que: quando as pessoas chegavam na comunidade passavam a morar na rua com o nome do seu estado de origem. Esta forma facilitava na identificação das pessoas que chegavam, tornando um fator favorável a essa organização.

A comunidade Caldeirão, conforme exposto já comentado, foi um lócus de produção cultural, mediado por princípios religiosos, que serviram de base para a sustentação e sistematização deste lugar. Por sua vez, também constitui em lócus de ação educativa, que possuía um caráter intencional, ou seja, através dos princípios religiosos. Destacamos isso através das palavras de Sousa (2009, p.49), “o beato procurava repassar em todas as atividades desenvolvidas o que para ele representava a doutrina social da Igreja: a educação tendo como valor a fraternidade, a solidariedade e a igualdade entre os homens”.

Essa educação se destacava nesses princípios, ou seja, houve um momento que seu vizinho precisou de alguns homens para realizar uma construção e José Lourenço mandou-os sem cobrar nada pelo trabalho. Isso mostra o valor solidário do beato perante qualquer pessoa que precisasse dele.

A divisão da produção era de acordo com o número de membros de cada família. A administração da comunidade ficava a cargo do beato, com seu secretário, Isaias, responsável pelas anotações dos gastos da comunidade. Segundo Alves (2008, p. 126-127), a divisão do trabalho era bastante simples:

[...] baseada na idade e no sexo: os homens trabalhavam na limpeza do terreno, nas construções de casas, de caminhos, cercas e na agricultura, enquanto as mulheres, além dos trabalhos caseiros, carregavam água para aguação das plantas, ajudadas pelas crianças maiores [...].

O trabalho voltado para a agricultura de subsistência, pouco a pouco, incorporava novas atividades produtivas, dinamizando a produção e, em decorrência, forçando uma reorganização da divisão do trabalho. O trabalho coletivo socialmente dividido estimulou a diversificação da produção e a incorporação de novas técnicas de produção, mesmo que ainda rudimentares, como, por exemplo, a cerâmica. Segundo Ramos (1991, p. 64), “[...] os ceramistas moldam o objeto desejado (panela, por exemplo) em barro úmido, colocam pra secar, depois levam para um forno apropriado por algum tempo e então temos a peça feita”. Este trabalho era mais uma das atividades desenvolvidas na comunidade e que se destacava.

[...] de acordo com o número de componentes, recebia por semana o que chamavam de “comissão”, uma cota de arroz, feijão, rapadura, café, açúcar, carne, leite, farinha, batata, macaxeira e milho. Jamais alguém fez alguma reclamação. Portanto, a vida no Sítio era de fartura, bem ao contrário da miséria dominante nos sertões cearenses. (FARIAS, 2004, p. 368).

Nesse mesmo sentido, reforça D. Marina<sup>4</sup> *apud* RAMOS (1991, p. 68). O que era de um era de todos e nada era de ninguém”. Quem não trabalhava na produção de alimentos (agricultura ou criação de animais para a alimentação tipo galinha, porco ou gado), trabalhava para a melhoria das condições materiais como a construção de pequenos açudes, cercas ou atividade artesanal. Todos trabalhavam, enfim, para o bem comum. Não havia competição no sentido de alguém querer possuir mais do que o companheiro. Este modo de vida, pregado e justificado pelos ensinamentos do Beato José Lourenço, tinha uma boa aprovação por parte dos que viviam por lá. Afinal, os membros da comunidade tinham um nível de vida bem melhor que a maioria dos despossuídos nordestinos.

No intenso trabalho produziam também diversas atividades artesanais e “ergueram-se também cercas, barragens, armazéns, reservatórios d’água e rudes sistemas de irrigação.” (FARIAS, 2004, p. 367), cultivavam cereais, frutas e muitos animais domésticos. Toda esta produção era dividida entre as famílias e seus “excedentes eram vendidos para a compra do não produzido no sítio” (RAMOS, 1991, p. 65), pois na comunidade, não havia circulação de dinheiro. “Ele já não tinha tanto valor, pois não havia comércio interno. Havia os armazéns, onde os produtos agrícolas eram guardados e distribuídos de acordo com a necessidade de cada um” (RAMOS, 1991, p. 66), ou ainda para alguma necessidade extra. Na seca de 1932 os excedentes produzidos pela comunidade foram distribuídos pelos retirantes que procuraram o Caldeirão como refúgio.

### **Trabalho, religião e escolarização na comunidade Caldeirão**

Percebemos a existência de diversos saberes desenvolvidos na comunidade baseado nos princípios que a coletividade exercia, em que todos trabalhavam e rezavam pelo bem comum. Essas práticas trouxeram para o lugar uma vivência única, na qual sua forma de

organização permitiu desenvolver melhorias para os que chegavam e habitavam naquela comunidade. Além do mais, evidencia-se que,

[...] Ali, a sabedoria acumulada do grupo social não “dá aulas” e os alunos, que são todos os que aprendem, “não aprendem na escola”. Tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas, com corpo, com a consciência. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de que sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende. Mesmo quando os adultos encorajam e guiam os momentos e situações de aprender de crianças e adolescentes apenas para o ato de ensinar (BRANDÃO, 2007, p. 17-18).

Em adição ao exposto, para Brandão (2007), a educação é uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sociedade. Sendo assim, compreendemos que as ações das pessoas que residiam no espaço de concretização desta comunidade estavam indubitavelmente produzindo ações educativas, pois entendemos que a educação é uma prática social, realizada não somente no âmbito da instituição escolar.

Dessa forma, evidenciamos que mesmo existindo ações educativas não institucionais, o Caldeirão desenvolveu e possibilitou aqueles que o integraram formação educativa, articuladas a cultural ao processo de produção cultural, que por sua natureza constitui como prática social, semelhante à educação. Podemos citar estas práticas não institucionais na passagem a seguir,

[...] a comunidade trabalhava basicamente na agricultura e na construção de casas em mutirão para os novos habitantes. Cada nova família que chegava era bem recebida, e os que lá já estavam construíam logo a nova moradia, alastrando-se as casinhas a partir do sopé dos morros, formando, gradativamente, um cinturão em redor da pequena planície onde floresciam as primeiras plantações (ALVES, 2008, p. 126).

A perspectiva aqui refletida sinaliza a dimensão educativa dessa comunidade que acontecia no trabalho, pois havia troca de saberes repassada pelos moradores do lugar. O trabalho desenvolvido contribuía para a formação daqueles que estiveram fazendo parte do espaço Caldeirão, até porque entendemos que não é somente nas instituições de ensino que existem ações educativas.

Do ponto de vista histórico, as escolas assumiram o dever de permitir aos indivíduos o acesso ao conhecimento sistematizado, mas notamos os diversos âmbitos da sociedade é possível desencadear este processo, mesmo que não seja intencional e nem venha ser sistematizado. A formação educacional pode ser realizada em muitos espaços e organizações

sociais, que não estejam limitadas ou relacionadas à escola, como por exemplo, no seio da família, das instituições religiosas, nos movimentos sociais, ou seja, uma educação intencional, também chamada informal. Segundo Ponce (2000, p. 21-22), os fins da educação são resultados da estrutura homogenia do grupo social, por isso,

[...] identificam-se com os interesses comuns do grupo e se realizam igualmente em todos os seus membros, de modo espontâneo e integral: espontâneo na medida em que não existia nenhuma instituição destinada a inculcá-los, integral no sentido que cada membro [...] incorporava mais ou menos bem tudo o que na referida comunidade era possível receber e elaborar.

A educação constituída no Caldeirão era marcada pela coletividade, decidida, pensada e gestada por todos os sujeitos que integravam este contexto e cenário. Não havia nenhuma instituição de ensino com o propósito de guiar e gerir os processos educativos, este diferencial fazia do Caldeirão espaço de coletividade e de diferentes mobilidades sociais frente a aquisição de conhecimentos relevantes para aquele local. Podemos compreender essa coletividade a medida que adentravam pessoas naquele recinto, no entanto, as atividades começaram a se diversificar, com a presença de ferreiros, artesãos, carpinteiros, costureiras, pedreiros e tantos outros profissionais que destinava em transmitir seus conhecimentos.

A organização societária do Caldeirão foi baseada por uma forma bem estruturada, em que seu líder possuía um administrador, ou seja, Isaías que sabia ler, escrever e passou a organizar a produção de acordo com o número de membros de cada família, havendo assim, o princípio da igualdade, pois não consistia no que as pessoas produziam e sim, pela quantidade de pessoas em cada casa.

As práticas espontâneas como os saberes produzidos e propagados por intermédio do trabalho das pessoas reforça o sustentáculo de uma educação informal, que veio a ser inserida em todos os momentos de atividades trabalhistas desenvolvidas no ambiente do lugar. Podemos destacar esta educação, através das palavras de Ramos (1991, p. 68),

[...] Quem não trabalhava na produção de alimentos (agricultura ou criação de animais para a alimentação tipo galinha, porco ou gado), trabalhava para a melhoria das condições materiais como a construção de pequenos açudes, cercas ou atividades artesanais. Todos trabalhavam, enfim, para o bem comum. Não havia competição no sentido de alguém querer possuir mais do que o companheiro. Este modo de vida, pregado e justificado pelos ensinamentos do Beato José Lourenço, tinha uma boa aprovação por parte dos que viviam por lá. Afinal, os membros da comunidade tinham um nível de vida bem melhor que a maioria dos despossuídos nordestinos.



Os saberes surgidos só vinham fortalecer o grupo, que passa a desenvolver técnicas importantes para o crescimento. Essa espontaneidade era algo positivo, desencadeando ensinamentos surgidos diante de pessoas sofridas, em que se afirmou, através da fé e dos princípios de fraternidade, solidariedade e companheirismo.

Quanto as crianças acompanhavam as mães nos afazeres de casa, porém só começavam trabalhar a partir dos dez anos de idade, em que os pais guiavam os garotos e as mães ensinavam o trabalho doméstico para as meninas.

Segundo Brandão (2007), a educação está presente em todos os lugares. O Caldeirão foi desenvolvido em uma educação, denominada intencional, fundamentada para a formação dos indivíduos. Nesta discussão, salientamos o próprio Beato assumia o papel de educador,

[...] Através de suas prédicas, ensinava os princípios religiosos da Moral e da Ética, baseado no espírito de uma disciplina rígida e da fraternidade, base religiosa da organização sócio-econômica da Comunidade. Rezava e cantava, junto com a comunidade, terços, rosários, benditos, tudo de acordo com a tradição da religião popular do Nordeste. Tudo isto acompanhado dos conselhos e orientações para a vida na Comunidade. (ALVES, 2008, p. 139).

Sendo assim, em todos os âmbitos e nesse segmento tivemos valorizar estas ações, pois elas desempenham papel de destaque na produção e reprodução saberes, sendo relevante em seus múltiplos aspectos. Em relação a isso, por exemplo, Farias (2004, p.638) expõe que “as tarefas diárias começavam ao raiar do sol, com procissão, tendo o beato à frente, carregando a Santa Cruz; iam pelos caminhos, cantando benditos e rezando. Depois cada um partia para suas funções”. Podemos perceber que isto foi uma maneira de educação intencional desenvolvida na comunidade, devido caracterizar por uma rígida educação religiosa, baseada nos fundamentos religiosos.

Os processos educativos imbricados no Caldeirão além de servir como elemento de destaque na concretização e produção cultural daquele contexto histórico, também serviu de base para promover ações educativas, através da religiosidade do lugar. A forma como o Beato conduzia os princípios religiosos, era uma maneira de aplicar uma educação voltada para a moral e ética daquele lugar, que um dia prosperou com foco no trabalho e oração. Quanto as crianças havia uma educação religiosa, em que usavam crucifixos, aprendiam os cânticos e benditos, repassando assim, todos os ensinamentos religiosos.

Apesar da ausência de uma escola na comunidade, o beato entendia que a educação era algo importante para o ambiente que vivia. Assim, chegou ao Caldeirão uma jovem de

vinte um anos de idade proveniente do Rio Grande do Norte, que passa a morar, ensinar crianças e jovens a ler e escrever. Podemos registrar isso nas palavras de Maia (1992, p. 33),

[...] A escola não era conforme o modelo convencional: sua sala de aula eram as sombras das árvores. Adultos e crianças levavam consigo a carta do ABC nos airé ou bairé (espécie de sacola usada a tiracolo) e nas horas de descanso estudavam atentamente.

Percebemos pela citação que havia uma professora destinada a ensinar as primeiras letras na comunidade, estabelecendo uma educação instrucional no modelo da época. Sabemos que no período da existência do Caldeirão a educação era mais carente do que nos dias atuais. Os professores leigos, além das poucas escolas existentes, em especial no sertão nordestino, havendo poucos profissionais para exercer a profissão de professor.

Através do exposto acima a educação pode ser executada em diversos lugares, sendo que na comunidade Caldeirão, era um intensivo cenário educativo, no qual as pessoas transformavam suas vivências em saberes. Estes conhecimentos eram uma forma viva de simbolizar seus afetos, sensações e sentidos, que passaram a aprender e trocar saberes, permitindo assim, uma aprendizagem para a vida. As vivências eram formas de praticar saberes e tornar esses conhecimentos propícios para todos que ali habitavam. Segundo Sousa e Carvalho (2012, p. 117) o Caldeirão foi uma comunidade educativa, em que “[...] a educação compreendia como prática social estava também impregnada de esperança num futuro melhor os deserdados da terra [...]”.

### **Considerações**

A educação pelo trabalho coletivo, a educação pela fé e a educação “letrada” integravam o cotidiano daquele povo, que heroicamente resistiu e pereceu pelas forças covardes do Estado. Mesmo tardiamente, a História tem procurado devolver o lugar que lhe é de direito nas lutas de resistência do povo cearense contra a opressão, a exploração e o descaso dos sucessivos governos em relação às necessidades de seu povo. Dentre elas, está incluído o direito, historicamente negado, ao trabalho e a educação para todos. Isso pressupõe a garantia de políticas sociais que assegurem a extensão da cidadania para o povo do sertão.

Para nós, a tentativa de nos aproximar dessa História, particularmente, no que diz respeito ao fenômeno educativo, é sem dúvida uma experiência ímpar. Essa importância, contudo, não se limita ao fato de podermos apreender novas informações sobre a História da Educação no Ceará, o que por si só seria extraordinariamente significativo. Com esse estudo,

integramo-nos às tentativas de educadores e historiadores de revisitar a História do nosso povo, obscurecida pela historiografia e pela pedagogia tradicional.

A comunidade Caldeirão desenvolveu vários saberes que detectamos no trabalho, nas orações e na educação sistematizada do modelo da época. A conclusão desses saberes permitiram o crescimento da comunidade, que se fazia no dia a dia daquela gente, seja por meio da fabricação do sabão, da cerâmica, do tecido, das orações realizadas e da própria educação realizada pelas professoras do lugar. Ali se viveu uma forma viva de educação, baseado na coletividade humana.

Podemos constatar que a comunidade Caldeirão foi uma grande experiência de conhecimento, em que o trabalho e a religião eram questões que se destacavam. O trabalho desenvolveu uma educação baseada na e para a vida daquelas pessoas que ali residiam, ou seja, no momento da chegada de alguém, esse indivíduo possuía saberes que era repassado para os moradores da comunidade e vice-versa. A religiosidade do Caldeirão procurava seguir os princípios de solidariedade, fraternidade, igualdade, união, esperança e fé. Estes princípios eram a base para todas as atividades, passando a transformar-se em uma comunidade educativa.

### **Referências**

- ALVES, Tarcísio Marcos. *A Santa Cruz do Deserto: a comunidade igualitária do Caldeirão*. Recife: Néctar, 2008.
- BARROS, Tenente José Góes de Campos. *Ordem dos Penitentes: exposição*. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1937.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976.
- FARIAS, Airton. *História da Sociedade Cearense*. Fortaleza: Editora do Livro Técnico, 2004.
- FURTADO, Celso. *A Fantasia Desfeita*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- MAIA, Vera Lúcia G. Matos de. *José Lourenço: o beato camponês da comunidade do caldeirão*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (Coleção: Homens e Mulheres do Nordeste).
- OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. Fortaleza: ABC, 1999.
- RAMOS, Francisco Regis Lopes. *Caldeirão*. Fortaleza: EDUECE, 1991.
- SALES, Maria José. Entrevista realizada em Juazeiro do Norte em 28.4.12 para a pesquisadora Célia Camelo de Sousa.
- SOUSA, Célia Camelo de. *Saberes e Práticas Educativas no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. (Monografia). Centro de Educação – UECE, 2009.



SOUSA, Célia Camelo de; CARVALHO, Lêda Vasconcelos. *Caldeirão: Saberes e Práticas Educativas*. Fortaleza: UFC, 2012.

## Notas

---

<sup>1</sup> Segundo Facó (1976, p. 37) “O cangaceiro e o fanático eram os pobres do campo que saíam de uma apatia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveriam decidir, mais cedo ou mais tarde, de seu próprio destino. Não era ainda uma luta diretamente pela terra, mas era uma luta em função da terra – uma luta contra o domínio do latifúndio semifeudal”.

<sup>2</sup> Luzia Homem é uma obra literária produzida pela Escola Naturalista (1877), porém não é difícil encontrar no decorrer de suas páginas a paisagem social e econômica dos sertões do Ceará, o ambiente de catástrofe natural causando graves prejuízos a vida econômica, social e moral das populações pobres rurais.

<sup>3</sup> O Movimento Comunista (1936) teve seu destaque no Rio Grande do Norte, em que na época muitos potiguares passaram a migrar para outros estados, devido às perseguições política.

<sup>4</sup> Marina Gurgel era uma jovem, natural do Rio Grande do Norte, tinha 21 anos e no Caldeirão tinha função de professora e de liderança, pois era uma das poucas moradoras que sabia ler e escrever. Esta jovem saiu de sua terra, cooptada pelas palavras de Severino Tavares, um beato que fazia pregações em todo o Nordeste brasileiro. Então, foi conhecer a comunidade Caldeirão, em que percebeu naquele lugar, uma forma de viver a seu gosto.